



ENTREVISTA COM MARCELA CZARNY

Usos de tecnologias na infância. Como os adultos entram nesse vínculo

Por Lucila Chiesa



Marcela Czarny é fundadora e presidente da Asociación Chicos.net e foi participante ativa da formação da RedNATIC, uma rede de organizações da América Latina comprometidas com a promoção dos direitos de meninos, meninas e adolescentes para o uso seguro e responsável das TICs. Ela conta com uma vasta experiência em design e implementação de projetos vinculados à educação, aos meios de comunicação e às novas tecnologias. É autora de várias publicações e conta com diversas participações em eventos internacionais e meios de comunicação em massa.



O avanço das tecnologias e sua inserção em nossas vidas, especialmente das crianças, ocorre em um ritmo impensável. Parar para refletir sobre seus usos, suas formas de consumo e como elas influenciam na educação das crianças é crucial nestes tempos. Em relação a essas questões, realizamos uma entrevista com Marcela Czarny, fundadora e presidente da Chicos.net, uma ONG que trabalha desenvolvendo programas e conteúdo que promovem o direito de meninos, meninas e adolescentes de acesso a informações de qualidade.

Para começar, nos interessa entender: o que é para vocês a Cultura Digital?

Há dez ou quinze anos, a pergunta com que todos se preocupavam era: como faço para que meu filho não corra muitos riscos no novo mundo tecnológico? Foi assim que começamos a trabalhar para tentar descobrir como fazer com que as crianças tenham proteções na internet. Com o passar dos anos, entendemos que, se as crianças estão na internet, elas também são responsáveis pelo seu uso. Para que ocorra o que chamamos de “uso responsável das tecnologias”, era preciso buscar o empoderamento e as crianças precisavam começar a pensar em si mesmas como sujeitos ativos dentro do mundo digital. Nesse momento, ampliamos o paradigma em relação ao que é a Cidadania Digital. Ou seja, as crianças têm direitos e deveres na rede, tal como as empresas, instituições etc., que têm direitos e deveres e não podem fazer o que bem entendem. A partir do instante em que as crianças estão dentro de uma plataforma, elas têm responsabilidades. Por isso, começamos a trabalhar com o que é a Cidadania Digital. Isso nos levou a questionar o que chamamos de “alfabetização digital”. Assim, incluímos a necessidade de empoderar as crianças para fazer um uso inteligente das redes. Esses dois componentes juntos formam o que chamamos de Cultura Digital, e aí entra nosso mundo inteiro.

Em sua opinião, qual é o papel dos adultos para promover um uso responsável das redes?

Trabalhamos com pais e professores. Dizemos a todos eles que as crianças questionam e pesquisam nas redes, mas que, sozinhas, elas têm um limite. São habilidosas do ponto de vista tecnológico, mas não sabem usar os dispositivos de um modo responsável e inteligente, e se apropriam até aí. O papel dos adultos é, em primeira instância, assumir que não temos a mesma capacidade de uso tecnológico, mas somos os responsáveis e temos a capacidade de desenvolver projetos. Como pensamos nisso, como incluímos essa habilidade tecnológica e onde. Discernir entre o que está bom e o que não está, a transmissão de valores. Tudo isso é próprio dos adultos e é muito importante que não deleguemos essa tarefa, pois as crianças sabem mais de tecnologia. Às vezes, temos a sensação de que, porque não somos do mundo digital, então não devemos nos intrometer e deixamos que eles façam o que sabem. A verdade é que poder nos questionar para que serve a tecnologia, poder dar a ela o valor que a família ou a instituição atribuem, é uma responsabilidade inalienável dos adultos e não tem



“... as crianças têm direitos e deveres na rede, tal como as empresas, instituições etc., que têm direitos e deveres e não podem fazer o que bem entendem. Por isso, começamos a trabalhar com o que é a Cidadania Digital...”

a ver com o fato de sabermos usar mais ou menos um computador. Muitas vezes, quando dizemos isso aos pais, eles ficam contentes.

Como você acha que a tecnologia pode contribuir com o desenvolvimento e a qualidade de vida das crianças?

Acredito que as tecnologias contribuam, mas com muitos “disclaimers”. Por exemplo, o primeiro projeto que fizemos foi com crianças que estavam internadas em hospitais por problemas de saúde de longo prazo. Levamos os computadores a elas e as conectamos com suas antigas escolas. Geramos uma conexão importantíssima. Este é um exemplo, dentre muitos, de como acredito que a tecnologia seja bem utilizada. Agora, sabemos que existem situações nas quais isso não acontece, e as tecnologias não são usadas de maneira construtiva. Por isso, é preciso ser crítico em relação ao uso delas. Isso pode ajudar no desenvolvimento humano; não tenho dúvidas de que o acesso horizontal à informação permite sua comunicação com pessoas de todo o mundo também. Agora, quem aproveita isso?

Por isso é importante que os adultos não percam seu papel na relação com as tecnologias. Somos nós que incorporamos o valor à tecnologia. Se fizermos um uso crítico, racional e valorizador de tudo isso, será muito bem-vindo. Porque a tecnologia sempre serviu no mundo, pois melhorou nossa capacidade de comunicação, saúde e transporte. A questão sempre é o lugar em que a colocamos. A sociedade é quem deve decidir, e não a indústria de tecnologia. Aprenda a programar para que não lhe programem, para que possa ser um cidadão crítico do momento. Para que estudamos história na escola? Para entender a atualidade e o mundo onde vivemos. O mesmo acontece com a tecnologia. É importante entendê-la para saber como ela passa por nós.

Acredita que as tecnologias e, em especial, os dispositivos estejam incentivando o consumismo?

Acredito que precisamos ter cuidado porque estão tomando decisões por nós. Há momentos em que as tecnologias salvam sua vida, encurtam as distâncias, dão acesso a uma quantidade tremenda de informações. Mas é preciso ter cuidado e ser crítico, pois não é por isso que precisam nos vender o último modelo de tudo o que existe. Não podemos perder nossa capacidade de discernimento; devemos ser racionais e analisadores. Quando a balança pende mais para o outro lado e deixamos de escolher, é preciso saber parar. Acontece na sociedade com tudo e, obviamente, chega à tecnologia.

Para as crianças, em especial, o acesso é diferente. Pois eles provavelmente navegam em lugares que nem sabemos. Acredito que a família precise dialogar e definir quais são os valores de seu uso. Para que comprar e quando. Com que idade devemos comprar o primeiro celular. Que ele não seja dado pela publicidade no dia a dia da criança. Que faça parte de uma negociação e de uma decisão interna da família e não tenha a ver em alimentar a alienação gerada pelo consumo. Devemos pensar onde paramos, seja como instituição familiar ou escolar, diante da tecnologia. Debater com as crianças, também, e nos ater aos benefícios e às consequências que isso acarreta. Reitero: a tecnologia sim, mas não a qualquer preço.